

## QUARTEL DA GRAÇA



Margarida Elias

Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

### INTRODUÇÃO

O Quartel da Graça localiza-se no antigo Convento lisboeta com o mesmo nome, que data do séc. XIII. Dessa época inicial, porém, nada resta e o edifício que hoje vemos corresponde aos sécs. XVI a XVIII - embora a fachada ocidental seja oitocentista e haja remodelações do séc. XX. No projecto Revive, apenas a zona que é usada como Quartel, hoje a cargo da Guarda Nacional Republica (GNR), vai ser concessionada.

### HISTÓRIA

A história do Convento da Graça começa com a conquista de Lisboa aos Mouros, em 1147. Conta-se que entre os estrangeiros que participaram na luta liderada por D. Afonso Henriques, estavam alguns eremitas de Santo Agostinho, a quem foi oferecido um lugar no sopé de um monte onde havia um alpendre, em que estava a cadeira de S. Gens - bispo lendário de Lisboa, que viveu no séc. IV e cuja cadeira era objecto de veneração. Foi neste lugar, que corresponderia agora à rua do Terreirinho, que, em 1148, foi fundado o primeiro eremitério (cf. Santa Maria, 1707, 55; Araújo, [1938]-

1939, 38; Ribeiro, 1939-1, 50; Júnior, 1946, 49-51; Lima, 1950, 110; Santana, 1979, 295; Azevedo, 2011, 219).

Sendo este lugar considerado «encovado, doentio» e «distante da Cidade», uma senhora nobre chamada D. Susana, decidiu doar aos eremitas o monte que «lhe ficava iminente» (Santa Maria, 1707, 56). Neste novo local, actualmente denominado de Senhora do Monte, os monges agostinhos edificaram um pequeno convento com igreja dedicada a S. Gens, visto que para aqui foi trazida a cadeira (Araújo, [1938]-1939, 38). No entanto, este monte era «falto de agua» e «exposto aos rigores dos ventos» (Santa Maria, 1707, 56), o que levou os eremitas a voltarem a mudar de lugar, desta vez definitivamente, instalando-se, como dissemos, na Almofala (futura Graça), em 1291 (Santa Maria, 1707, 56 e Júnior, 1946, 49-51).

As obras do novo Convento, inicialmente dedicado a Santo Agostinho, iniciaram em 10 de Fevereiro de 1271, com o apoio do rei D. Afonso III (1210-1279), sendo as instalações preparadas para cinquenta monges. O edifício estaria concluído em 1291, pois nessa data os eremitas mudaram-se para o Convento (cf. Lima, 1950, 112; Araújo, 1955, 49; Azevedo, 2011, 10 e 221).

Acerca da data da consagração do Convento a Nossa Senhora da Graça, parece não haver consenso, embora o mais provável tenha sido em 3 de Março de 1305, depois de Frei Francisco do Monte Robiano, oitavo geral da Ordem, em cumprimento de um voto feito em Roma, diante da imagem de Nossa Senhora do Pópulo, ter ordenado que muitos conventos fossem consagrados a Nossa Senhora, o que aconteceu em Lisboa (Ribeiro, 1939-1, 51; Lima, 1950, 112-113).

No entanto, a lenda da descoberta da imagem de Nossa Senhora da Graça, reporta-se a 14 de Agosto de 1362. Segunda essa lenda, a imagem foi encontrada por milagre, por uns pescadores de Cascais, durante a vigília da Assunção de Nossa Senhora. Uma criança de peito, filha de um dos pescadores, terá proferido que a imagem desejava ser levada para o «Mosteiro de seus frades», pelo que, no dia seguinte, os pescadores assim o fizeram e «entregaram processionalmente aos eremitas augustinianos a santa e milagrosa imagem de seu orago» (cf. Ribeiro, 1939-1, 51-52; cf. também Santa Maria, 1707, pp. 88-91; e Garcia, 2016).

A partir de 1375, o edifício monástico passou a estar integrado no espaço urbano da cidade, visto que foi envolvido pela muralha fernandina, com exceção do lado Sul (Figueiredo, 2003, 88). Contudo, pouco se sabe de como seria o Convento até 1556, apenas sendo provável que possuísse «uma linda igreja ogival, consagrada a Santo Agostinho» (Ribeiro, 1939-1, 50).

O Convento iria beneficiar com o favor dos devotos que nele instituíram capelas para sua sepultura. Entre eles destacamos Lopo Soares de Albergaria, 3.º governador da Índia, cuja capela estava concluída em 1530. Esta capela foi chamada de São Fulgêncio e deve ser salientada visto que subsistiu ao Terramoto, sendo convertida em baptistério em 1835 (Araújo, [1938]-1939, 44; Ataíde, 1973, 116-117).

Em 1544, o Convento foi beneficiado através de um alvará de D. João III (1502-1557), que lhe doou a barbacã e a cova da muralha fernandina (1544), o que terá permitido que o edifício se pudesse expandir para Norte (Figueiredo, 2003, 97). Na época deste monarca, o edifício estaria a necessitar de obras, sendo provável que tivesse sinais de deterioração, o que poderia ser devido, pelo menos em parte, ao terramoto de 1531 (Ribeiro, 1939-1, 52; Lima, 1950, 114; Araújo, 1955, 49; Figueiredo, 2003, 90; Leandro, 2007, 259). Além disso, é provável que o espaço já fosse reduzido para a comunidade em crescimento, visto que inicialmente estavam previstos 50 religiosos, mas em 1551-1552, já lá viviam entre 70 e 100 (Oliveira, 1554, 27; Brandão, 1990, 115).

É possível que as obras no Convento, e em particular na igreja, se relacionassem com a reforma promovida por D. João III, pois este tinha pedido ao Prior-Geral da Ordem em Castela dois padres com a função de reformar as Congregações dos Agostinhos na Província de Portugal, sendo que um dos padres que foram enviados, com esse propósito, foi o vigário perpétuo da Ordem, Frei Luís de Montoya (1497-1569). Entre os princípios reformadores que foram instituídos, contava-se precisamente a realização de obras com vista à adequação das estruturas das Casas religiosas às novas necessidades das comunidades (Pombinho, 2014, 26).

Entre 9 de Março de 1556 e o ano de 1565, fez-se a reedificação integral da igreja, cuja fachada ficaria semelhante à de Santa Maria del Pópulo, de Roma (1472-1477), a

acreditar num desenho do séc. XVIII, que mostra Lisboa antes do Terramoto<sup>1</sup>. Segundo Mário Ribeiro: «A nova igreja (...) ficava sendo das melhores do país», com «três amplas naves» e abóbada «de laçaria» (Ribeiro, 1939-1, 52-53; Araújo, 1955, 49; Azevedo, 2011, 221).

As obras terão continuado mesmo após 1565, pois o ano de 1611 ficou gravado no bordo inferior externo do sino da abertura Sul da torre sineira. Sabe-se que no biénio de 1674 e 1675, fizeram-se obras de ampliação na zona conventual (Noé, 1990; Belo, 1993; Figueiredo, 2003). A planta de Lisboa de João Nunes Tinoco (c. 1610-1689), com data de 1650, mostra o Convento cobrindo toda a área desde a igreja até à muralha fernandina, estando esta com duas torres, uma em cada um dos extremos da ala Norte do edifício. Este facto parece-nos importante porque leva a concluir que nesta data já deveria existir o claustro pequeno, que poderá ter começado a ser construído no final do séc. XVI, como foi sugerido por Sílvia Figueiredo (2003, 97).

Para a história do Convento da Graça, foi importante a instituição, em 1586, da Irmandade de Vera Cruz e Passos de Cristo, por vontade de Luís Álvares de Andrade, paroquiano de São Nicolau e pintor régio. As procissões desta Irmandade, realizadas na Páscoa, entre a Igreja de São Roque e a Igreja da Graça, teriam grande relevo na vida lisboeta, desde 1587 até 1908 (Araújo, [1938]-1939, 44; Ribeiro, 1939-3, 151-152; Ataíde, 1973, 116). Em 1630, a Irmandade já tinha casa do despacho no claustro; no ano de 1667, a confraria de São Marçal doou a sua capela, situada dentro da igreja (sensivelmente onde hoje se encontra), à Irmandade (Araújo, [1938]-1939, 46).

Nos séculos XVII e XVIII o convento já era «o mais rico de quantos havia em Lisboa» (Ribeiro, 1939-1, 55). A congregação aumentava, sabendo-se que, entre 1705 e 1706, viviam mais de 120 religiosos (Lima, 1950, 142). No séc. XVIII, foram executadas diversas obras tendo em vista o embelezamento do espaço, especialmente no interior, datando desta época a nova sacristia e o túmulo de de D. Mendo Fóios Pereira (1643-1708), secretário de estado de D. Pedro II (1648-1706).

No segundo quartel do séc. XVIII construiu-se a nova torre sineira, cujo o risco é atribuído a Manuel da Costa Negreiros (f. 1750), com a colaboração de Mateus Vicente de Oliveira (1706-1785). Esta torre foi pouco atingida pelo Terramoto de 1755, assim

---

<sup>1</sup> «O Rossio antes do terramoto de 1755», séc. XVIII, in Arquivo Municipal de Lisboa [<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt> ], cons. 12/3/2018.

como a fachada correspondente que «mantém o seu carácter maneirista de transição para o barroco» (Berger, 1994, 165-166). O já mencionado desenho que representa o Rossio antes do terramoto de 1755<sup>2</sup>, mostra o Convento já com a torre actual, vendo-se também a fachada ocidental com uma configuração semelhante à de hoje.

Quando se deu o Terramoto de 1 de Novembro de 1755, o sismo provocou sobretudo a derrocada da igreja, ficando de pé, pelo menos, a fachada confinante com o largo da igreja, incluindo a torre sineira, e o claustro grande.

A nova igreja começou a ser construída em 2 de Novembro de 1765, estando o «casco principal» terminado em 1772 (Ribeiro, 1939-1, 55). A reconstrução fez-se sob a direcção de Caetano Tomás de Sousa e seu filho Manuel Caetano de Sousa (1742-1802) - interrompida em 1777, devido à escassez de recursos, e retomada pouco depois com o patrocínio régio de D. José e D. Maria I. Testemunhando o andamento das obras, as datas de 1787 e 1788, ficaram gravadas no bordo inferior externo dos sinos Norte e Oeste da torre sineira (cf. Araújo, 1955, 49; Ataíde, 1973, 115; Leandro, 2007, 259).

Em 30 de Maio de 1834, deu-se a extinção de todas as casas religiosas masculinas das ordens regulares e incorporação dos seus bens nos Próprios da Fazenda Nacional. A igreja, a sacristia e a casa do capítulo foram entregues à Irmandade do Senhor dos Passos<sup>3</sup>.

Por sua vez, o convento passou a ser quartel, o que suscitou obras de adaptação, nomeadamente em 1842, com a construção de duas torres ameadas na fachada oriental (cf. Araújo, [1938]-1939, 43; Ribeiro, 1939-2, 68 e 85). Em Agosto de 1843, foi destruída a Capela do Senhor dos Passos, sita no claustro, por ordem do Coronel Anselmo de Noronha Torresão. Cerca de 1888, a casa do capítulo ficou na posse do quartel e em Outubro de 1900, deram-se demolições, que puseram a descoberto o túmulo dos Gomides, no local correspondente à casa do capítulo, onde jazia Gonçalo Lourenço, bisavô de Afonso de Albuquerque. Na sequência deste evento, foi deslocada a arca tumular dos Gomides para o baptistério – onde ainda hoje está (cf. Araújo, [1938]-1939, 44).

---

<sup>2</sup> «O Rossio antes do terramoto de 1755», *op. cit.*.

<sup>3</sup> SIPA: PT DGEMN: DSID-001/011/1423, TXT.00478658, 25 de Maio de 1938.

Entre 1896 e 1905 (embora com uma interrupção entre 1899 e 1903), fizeram-se obras na igreja, que incluíram a realização de pinturas do tecto da nave, por João Vaz (1859-1931) e Elói Ferreira do Amaral (1839-1927), e no cruzeiro, atribuídas a Pereira Júnior (1841-1921). A 18 de Julho de 1905, deu-se a reabertura da igreja ao público (Araújo, [1938]-1939, 42 e 44; Araújo, 1955, 49 e 51).

Ainda vigorava a Monarquia, quando pelo decreto 16 de Junho de 1910 (*Diário do Governo* de 23 junho), o Convento foi classificado como Monumento Nacional, incidindo a classificação inicialmente, apenas, sobre o Túmulo de D. Mendo Fóios. Posteriormente, a classificação foi alargada ao restante edifício: em 30 de Novembro de 1918, à sacristia e capelas da igreja (decreto publicado a 11 de Dezembro) e em 1939, a todo o Convento (*Diário do Governo* de 16 de Maio).

O edifício conventual permaneceu sob ocupação do exército, embora as unidades se tenham alterado, tendo entrado também, em 1919, um esquadrão da Guarda Republicana (Araújo, [1938]-1939, 43; Júnior, 1946, 51). Estas ocupações prejudicaram a preservação do património. Em 1938, o claustro grande tinha três alas envidraçadas e uma cavaleriça instalada a Norte (Araújo, [1938]-1939, 44). Por outro lado, no final de 1944, foi permitida a divisão do 3.º andar, onde estava a camarata do Quartel da Secção de Adidos<sup>4</sup>. Uma fotografia de José Artur Leitão Bárcia (1871-1945), não datada, mas deste período, apresenta a fachada Ocidental do Convento, permitindo ver que estava parcialmente arruinado a Noroeste. Foi entre 1932 e 1953, que a Direcção-Geral do Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) procedeu a obras gerais de conservação e restauro.

## **DESCRIÇÃO**

O Convento da Graça, construído e remodelado ao longo de vários séculos, apresenta características arquitectónicas maioritariamente maneiristas e barrocas. Tem planta rectangular irregular, composta pela igreja em cruz latina e dependências conventuais adossadas a Norte. Os volumes são escalonados e articulados, com coberturas diferenciadas dos telhados.

---

<sup>4</sup> SIPA: PT DGEMN: DSID-001/011/1423, TXT.00478656- TXT.00478659, 25 de Maio de 1938.

Exteriormente, a fachada Este, exceptuando a zona da sacristia, está bastante modificada com os corpos ameados revivalistas oitocentistas, que lhe dão uma aparência acastelada adequada à função militar. O lado Norte apresenta dois corpos perpendiculares em L invertido, com remodelações já do séc. XX, que se notam sobretudo no topo do corpo que se prolonga mais para Norte. A fachada ocidental é aquela que preserva uma aparência conventual, dividindo-se em dois andares. No inferior sobressaem os contrafortes e no superior as janelas de moldura barroca. Como escreveu o arquitecto Paulino Montez (1897-1988), num Parecer de 1938: «até onde há gigantes (a parte do 1.º andar que é seiscentista) a fachada é ainda, sem alteração visível a primitiva. Um pouco adiante do último gigante corria a muralha da cêrca fernandina»<sup>5</sup>.

A fachada principal da igreja corresponde às normas de construção pombalinas, com estrutura rematada em frontão contracurvado, rasgada por três portais, o axial mais elevado, encimado por frontão interrompido sobre medalhão oval, com a representação de Santo Agostinho (Araújo, [1938]-1939, 44). Interiormente, a igreja tem estrutura maneirista, três naves com capelas laterais (quatro de cada lado). Caracteriza-se também pelo transepto saliente e capela-mor profunda. Mantêm-se algumas capelas particulares quinhentistas e seiscentistas, uma delas manuelina e adaptada a baptistério. Ao lado da capela-mor (lado da Epístola), destaca-se a Capela do Senhor dos Passos. Do lado oposto fica a sacristia, onde está o túmulo de D. Mendo Fóios, que tem passagem para o claustro grande (Araújo, 1955, 53).

As dependências do antigo Convento eram distribuídas em torno de dois claustros. Tem duas entradas a partir do exterior, uma situada a Noroeste, que dá acesso ao claustro pequeno; e a principal, virada Sudoeste, em ângulo com a igreja, que dá acesso à Portaria e a partir desta ao claustro grande.

A Portaria é sobrepujada pela Torre sineira de estilo joanino, com cobertura em cúpula bolbosa. A entrada é antecedida por um nártex, com silhares de azulejo a representar temática agostinha. O interior é coberto por falsa abóbada, rasgada, do lado esquerdo, por quatro janelas com conversadeiras. Tem uma capela no topo Norte.

As duas portas do lado direito da Portaria dão acesso a uma ampla sala, que, por sua vez, tem passagem para o claustro grande, que era destinado à contemplação, sendo designado também de claustro nobre ou claustro principal. Possui planta quadrada e

---

<sup>5</sup> SIPA: PT DGEMN: DSID-001/011/1423, TXT.00478659, 25 de Maio de 1938.

dois pisos, sendo o seu desenho inspirado no tratado de Serlio sobre arquitectura (1537-1551). Corresponde a uma tipologia herdeira do Claustro de D. João III em Tomar, sendo provavelmente do terceiro quartel do séc. XVI, construído no âmbito da reforma de Frei Luís de Montoya, embora tenha sofrido alterações depois de 1755. A sua autoria talvez seja de Filipe Terzi ou Baltazar Álvares (Silva, 2012, 184, 186 e 208).

Em torno do Claustro nobre ficavam as salas de maior importância do Convento, existindo do lado ocidental, entre a Portaria e o Claustro, um «vasto salão rectangular, coberto (...) de berço abatido (...) e decorado com um fabuloso lambril de magnífico azulejo historiado da primeira metade do século XVIII, onde se narram a vida e os feitos de membros mais ilustres da Ordem» (Ataíde, 1973, 120) (Fig. ). Esta sala, que terá sido o refeitório, tem antecâmaras nos extremos, uma delas ligando à cozinha (Noé, 1990; Belo, 1993; Figueiredo, 2003).

Note-se porém que, segundo Sílvia Figueiredo, o refeitório era uma Sala igualmente ampla, ao lado da anterior, no prolongamento da portaria, com janelas altas e estreitas, que corresponde, pelo exterior e conjuntamente com a portaria, à fachada com contrafortes. Esta sala serviu também de cozinha do quartel e Mário Ribeiro, em 1939, diz que conservava uma série de arcos de volta abatida quinhentistas. Nos colunelos havia um «motivo escultórico bastante simples (...) igual ao do arco da capela de Lopo Soares de Albergaria» (Ribeiro, 1939-3, 145). Junto ao refeitório ficava a Casa do Lavatório (Figueiredo, 2003, 105).

Na ala Norte do claustro grande situavam-se as instalações da Irmandade dos Passos e respectiva capela. Perto ficava a Sala do Despacho e a Sala da Cura (Figueiredo, 2003, 106-107). A Sala do Capítulo ficava na ala oriental, partilhando essa ala com a sacristia. Em 1888, a casa do capítulo foi entregue ao exército, sendo destruída em 1900 (cf. Figueiredo, 2003, Vol. I, 104; Vol. II – Planta 1 e 1.1). Vem descrita num documento que será datado de 1705-1706, onde se lê que era «revestida de azulejo e com assentos à roda» (Lima, 1950, 139).

No canto ocidental do claustro grande existe uma escadaria seiscentista, que era a principal serventia do Convento, ligando o claustro maior e o menor, e conduzindo ao andar superior (Ataíde, 1973, 119).



Como já não existe ligação entre os dois claustros, a entrada para o claustro pequeno é feita pelo exterior, por uma torre ameada que é a principal entrada do Quartel. Esse acesso dá para dois pequenos pátios que ligam ao Claustro secundário que estruturava a zona de serviços e parte dos dormitórios.

O claustro pequeno, tem planta quadrada e tinha inicialmente dois pisos. Sílvia Figueiredo propõe que este claustro tivesse começado a ser construído depois da segunda metade do séc. XVI e, de facto, ele não aparece representado na gravura de Georg Braun (1541-1622), que é da segunda metade desse século (cf. Figueiredo, 2003, 97). No entanto, como mencionámos atrás, a planta de Lisboa, de Tinoco, com data de 1650, mostra o Convento cobrindo toda a área desde a igreja até à muralha fernandina, o que nos parece indicar que nessa altura já existia este claustro.

A configuração do claustro pequeno parece ser uma interpretação pouco fiel da tratadística serliana (Ataíde, 1973, 119). É composto por grupos de «três arcadas por lado, com duas aberturas rasgadas em rectângulo nos vãos das colunas» (Araújo, [1938]-1939, 43). Superiormente, nas alas Sul e Este, estão janelas de sacada em arco abatido com moldura recortada, alteada e fundindo-se com o friso do remate na zona central. No centro do terraço, pavimentado a ladrilho, está uma «velha cisterna conventual» (Araújo, [1938]-1939, 43). As alas têm coberturas em abóbada de aresta, marcadas por arcos formeiros abatidos, sendo revestidas a silhares de azulejo padrão azul e branco de estampilha. Na face Oeste do claustro, há uma sala que acede aos pisos superiores.

Acresce que este Claustro não está completo e parte do 2.º piso original já não existe, sendo que os andares acima desse piso aparentam uma construção posterior. Segundo um “Relatório de 1895 para o Tombo do Quartel da Graça”, a parte a Oeste e a Norte deste claustro sofreu um incêndio em 1884. A reconstrução, que foi efectuada em épocas diferentes - estando uma parte ainda em ruínas em 1895 - deve ter alterado a disposição primitiva (Figueiredo, 2003, 97).

No 2.º piso, sobre a antiga casa do capítulo (ala oriental do lado Sul), antes de 1755, ficava a «livraria» que era «de boa grandesa, pera recolher em si muytos livros» (Lima, 1950, 140). Esta sala também terá sido destruída em 1900, juntamente com a casa do capítulo, pois, em 2003, estava aqui um piso intermédio que pertencia à Direcção de Recrutamento do Exército (cf. Figueiredo, 2003, Vol. II – Planta 2).

Os dormitórios ficavam no 2.º e 3.º piso e ligavam os dois claustros, formando, do lado ocidental, uma ala comprida com corredor central e celas de ambos os lados. A ante sala dos dormitórios é revestida a azulejo historiado, com moldura recortada superiormente, com pilastras galbadas, encimadas por vasos de flores, com passos da Paixão.

Uma descrição do Convento antes do Terramoto, publicada por Durval de Lima, conta que era junto da passagem ao antecoro (no canto sudoeste) que ficava o acesso ao «dormitorio principal do convento, em que tem lugar o mayor numero de cellas, e as que nelle ficam tem as janellas com vista pera a cidade (...)», isto é, provavelmente virados a ocidente. Ainda antes do séc. XVIII, sobres estes dormitórios foi construído outro piso com seis celas e uma varanda (cf. Lima, 1950, 141).

Pelo que hoje se pode ver, no 2.º piso ficavam celas pequenas, sendo que as do lado norte são intercomunicantes, com portas desencontradas. No 3.º piso, viradas a poente ficam seis salas (talvez as seis referidas no texto), de grandes dimensões e cada uma delas iluminada por duas janelas de sacada de arco abatido sobrepujadas por aberturas ovais. Testemunhando que estas salas são antigas e pelo menos anteriores a 1755, existem imagens de Lisboa antes de 1755, que já mostram, por fora, janelas semelhantes às que hoje se podem ver<sup>6</sup>.

No 2.º piso, no canto Nordeste, acede-se ao mirante, poligonal, com cisterna central, situado sobre uma torre que foi da muralha fernandina (Ataíde, 1973, 120). Aqui surgem painéis de azulejo azul sobre fundo branco, nos oito pares de bancos com assentos opostos e na guarda do mirante, painéis mais pequenos. Representam os santos reformadores da Ordem, opondo-se à representação dos prazeres terrenos, revelando que o espaço se destinava à contemplação e meditação dos frades (Noé, 1990; Belo, 1993; Figueiredo, 2003).

Embora hoje não se saiba a localização exacta, no piso superior, teria existido um espaço para as aulas do noviciado e uma enfermaria, pelo menos desde o séc. XVIII (Figueiredo, 2003, 107). Nos corredores que contornam o claustro pequeno, no piso superior, encontra-se um «rodapé de azulejo de tapete, do século XVIII, de belo e desusado padrão» (Ataíde, 1973, 119) (Fig. ).

---

<sup>6</sup> «O Rossio antes do terramoto de 1755», *op. cit.*.

Acerca do Convento após as intervenções desde 1834, importa referir o corpo ameado, a Ocidente, de feição revivalista medieval. Tem, interiormente, três pisos com gabinetes. Corredores estreitos acedem a dependências com tectos planos de estuque, alguns deles trabalhados com desenhos simples geométricos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Quartel da Graça, que agora se destina a ser concessionado para fins turísticos, através do projecto Revive, integra um Convento que faz parte da história de Lisboa, cuja fundação inicial data do final do séc. XIII. Importa frisar que é a área do Quartel que irá ser concessionada, ficando a zona de maior valor patrimonial, em grande medida, fora do projecto, pois tanto a igreja, com suas dependências, incluindo, naturalmente, a sacristia, a portaria, o refeitório e o claustro nobre, estão adstritos ao Patriarcado.

Dito isto, importa desde logo lembrar que a zona do quartel mantém aspectos relevantes que irão ser concessionados, necessitando de restauro e salvaguarda – é o caso do claustro pequeno, do mirante com azulejos, das salas do 3.º piso viradas a Ocidente e de toda a ala ocidental, que exteriormente tem contrafortes. Como escreveu Norberto de Araújo, ainda cerca de 1938: apesar de ser um «sombrio corpo de aquartelamento», o Quartel conservava «bastas reminiscências do tempo conventual» (Araújo, [1938]-1939, 44). Mesmo nas dependências posteriores viradas a Este, de construção revivalista, deverão manter-se, pelo menos, as fachadas.

## **BIBLIOGRAFIA**

s.a. «O Rossio antes do terramoto de 1755». séc. XVIII. Arquivo Municipal de Lisboa [<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt> ], cons. 12/3/2018.

ARAÚJO, Norberto de. [1938]-1939. *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa, vol. II, Livro 8.

ARAÚJO, Norberto de. 1955. *Inventário de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, vol. I.

ATAÍDE, Manuel M.. 1973. «Igreja e Convento de Nossa Senhora da Graça». *Monumentos e edifícios notáveis do Distrito de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, vol. V, Tomo I, pp. 140-120.

AZEVEDO, Carlos A. M.. 2011. *Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal (1256-1834)*. Universidade Católica Portuguesa.

BERGER, Francisco J. G.. 1994. *Lisboa e os arquitectos de D. João V: Manuel da Costa Negreiros no estudo sistemático do barroco joanino na região de Lisboa*. Lisboa: Edições Cosmos.

BRANDÃO, João. 1990. *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552*. Lisboa: Livros Horizonte.

CALADO, Maria; FERREIRA, Victor M.. 1993. *Lisboa: freguesia da Graça*. Lisboa: Contexto.

FIGUEIREDO, Sílvia M. A.. 2003. *A arquitectura nas ordens de São Francisco e Santo Agostinho na região de Lisboa*. Universidade Técnica de Lisboa, 2 volumes (Dissertação de Mestrado).

GARCIA, José M.. 2016-07-13 (última actualização). «Convento de Nossa Senhora da Graça». *Da cidade sacra à cidade laica. A extinção das ordens religiosas e as dinâmicas de transformação urbana na Lisboa do século XIX* [<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos>], cons. 28/3/2018.

LIMA, Durval P.. 1950. *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Tomo I, pp. 109-143.

JORGE, Maria J.. 1994. «Graça (Bairro da)». *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 430-431.

JÚNIOR, Henrique M.. 1946 (Janeiro). «A Ermida de Nossa Senhora do Monte e S. Gens: esbôço monográfico». *Olisipo*. Lisboa: Editorial Império, Ano IX, nº 33, pp. 49-53.

LEANDRO, Sandra. 2007. «Igreja (paroquial) e Convento de Nossa Senhora da Graça». *Portugal Património. Guia – Inventário*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. II, 259-260.

NOÉ, Paula, BELO, Albertina, FIGUEIREDO, Mónica, FIGUEIREDO, Paula. 1990-2003. «Convento da Graça / Convento de Nossa Senhora da Graça / Igreja Paroquial da Graça / Igreja de Santo André e Santa Marinha», in *SIPA* [[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5881](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5881)], cons. 28/3/2018.

OLIVEIRA, Cristovão R.. 1554. *Sumario e[m] que breuemente se contem algumas cousas assi ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa*. Lisboa.

POMBINHO, Miriam R. B.. 2014. *Redescoberta do Convento de Santa Mónica de Évora – Proposta de Salvaguarda e Valorização do Património Conventual Agostinho*. Universidade de Évora (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Eduardo F.. 1887 e 1896. *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Lisboa vol. II e VIII.

RIBEIRO, Mário S. (1). 1939 (Janeiro). «A Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Graça». *Olisipo*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, Ano II, nº 5, pp. 47-55.

RIBEIRO, Mário S. (2). 1939 (Abril). «A Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Graça [continuação]». *Olisipo*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, Ano II, nº 6, pp. 67-86.

RIBEIRO, Mário de Sampayo (3). 1939 (Julho). «A Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Graça [conclusão]». *Olisipo*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, Ano II, nº 7, pp. 146-160.

SANTA MARIA, Agostinho. 1707. *Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas*. Tomo I.

SILVA, Nuno M.. 2012. *Claustros serlianos em Portugal. 1558-1635*. Coimbra: Unviversidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).

SIPA: PT DGEMN: DSID-001/011/1423, 25 de Maio de 1938.

TINOCO, João Nunes. 1650. *Planta da cidade de L[isbo]a em q se mostrão os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro co as declarações postas em seu lugar*. Biblioteca Nacional Digital [<http://purl.pt/4503/3/>], cons. 27/3/2018.